

Augusto de Campos. O anticrítico.

SP: Cia. das Letras, 1986

a
língua
do
pó,
a
linguagem
do
poeta

homage to edward fitzgerald

F

L

F

F

E

F

E

S

A LÍNGUA DO PÓ, A LINGUAGEM DO POETA

do *rubaiyat* de omar/fitzgerald
este rubi rubai
que solidariza significantes e significados
através de uma cadeia anagramática
privilegiada:

*of threats of hell and hopes of paradise!
one thing at least is certain — this life flies;
one thing is certain and the rest is lies;
the flower that once has blown for ever dies.*

no 2.º verso,
thi-S L-I-F-E F-L-I-E-S,
a vida voa,
o deslocamento anagramático das letras
de *life* na palavra *flies*
correspondendo ao significado
da dispersão e do desaparecimento da vida.
no verso seguinte é eliminado
o *f* de *flies*
na rima leonina da palavra
lies = mentiras
com um sentido subjacente:
lies = jaz (here lies = aqui jaz).
a supressão do *f* é a sentença de morte
o truncamento do vôo: *flies/lies*
o truncamento da vida: *life(s)/lies*

no 4.º verso, nova disseminação anagramática
no mesmo sentido:

*the F-L-O-W-E-R that once has b-L-O-W-n F-O-R e-V-E-R
dies*

as letras da palavra *flower*
(equivalente metafórico de *life*)
se desmembram, se
despetalam
pelas palavras seguintes.
visualmente são importantes
os trigramas
L-O-W de *flower* e de *blown*
e *W-E-R(V-E-R)* de *flower* e de *forever*.
bem visto, todo o conjunto *F-O-R-E-V-E-R*
é aproveitado no despetalamento florital

isto lembra os “paragramas” do último saussure
(o seu “lance de dados”, como disse haroldo)
que o redimiram das leis apoéticas
da arbitrariedade do signo
e da linearidade do significante
mas as análises paragramáticas de saussure
(por admiráveis que sejam)
isso de descobrir nomes próprios
anagramaticamente dispersos na frase
ex: *CIRCE* no verso
Comes est ItineRis illi CErva pede
são mais arbitrários que os seus signos

o ponto mais discutível
das notáveis intuições de saussure
sobre as séries anagramáticas em poesia
é que ele parece ter fetichizado a sua descoberta
(como o fizera com a idéia da arbitrariedade do signo),
o que o levou a construir demais,
arbitrariamente,
sem buscar nos significados
a solidariedade necessária
que solda o poema
e torna relevante
o seu aspecto microestrutural

ora, só no momento em que as séries anagramáticas
e outros efeitos (por vezes casuais)
se confrontam e conferem com o significado
é que passam a ter significação

tentei roubar o rubai de fitzgerald
para a nossa língua:

*inferno ou céu, do beco sem saída
uma só coisa é certa: voa a vida,
e, sem a vida, tudo o mais é nada.
a flor que for logo se vai, flor ida.*

LIFE-FLIES era impossível.
mas foi possível estabelecer outras conexões:
VoA e *VidA*, letras iniciais e finais iguais,
viDA e *naDA* (passando por *tuDO*)
tetragramas com consoantes e vogais
em posições simétricas e sílaba final igual.
na última linha aflorei o despetalamento da *FLOR*:

a F-L-O-R que F-O-R L-ogo. ...

e o despetalamento da *VIDA*, que eu não conseguira antes:

... se V-A-I, flor I-D-A.

outras relações obtidas: *vai-voa*,
florida e *flor ida* (disseminação/seccionamento)
for-vai-ida (futuro-presente-passado, expressos
em trigramas do verbo “ir”)
finalmente a decapitação da *flor-vida*:
flor/for
vida/ida

noutro fantástico rubai
em que a palavra *dust* (pó) é prevalente
as correspondências significante-significado

se explicitam por outro procedimento formal:
agora o discurso é todo ele atomizado, pulverizado
disjecta membra
em monossílabos:

*ah, make the most of what we yet may spend,
before we too into the dust descend;
dust into dust, and under dust, to lie,
sans wine, sans song, sans singer, and — sans end!*

a primeira linha é todo monossilábica
(10 monossílabos!).
ao todos há, na quadra, 28 monossílabos
e 6 dissílabos, num conjunto de 34 vocábulos!

há alguns pares de aliterações importantes:

*make the most / too into / dust descend /
under dust / sans song / sans singer / and...end*

sem falar nas cadeias fônicas da última linha:

*s . . . s , s . . . s s . . . , s . . . s s , . . . — s . . . s . . . !
.an. .in., .an. .on., .an. .in . . . , an. — .an. en.!*

como traduzir essa beleza intraduzível?

eis uma tentativa:

*ah, vem, vivamos mais que a vida, vem,
antes que em pó nos deponham também,
pó sobre pó, e sob o pó, pousados,
sem cor, sem sol, sem som, sem sonho — sem.*

são 24 monossílabos, 5 dissílabos e 3 trissílabos,
num total de 32 vocábulos,
taxas não desprezíveis
dada a menor incidência de palavras curtas
em nossa língua

principais aliterações:

*vem, vivamos / vida, vem / pó nos deponham / pó pousados /
sem sol / sem som / sem sonho — sem*

as coliterações da penúltima linha do original
em *d-r* linguodentais (*dust into dust*)
receberam uma resposta
em *p-b* bilabiais (*pó sobre pó*)
na linha equivalente da tradução

e na linha final,
algumas aproximações:

*s , s . . . s . . . , s . . . s . . . , s . . . s — s
.em .o., .em .o., .em .om, .em .onh. — .em.*

a chave desse rubai é a palavra *dust*

pó

não por acaso (ah, a suPÓsta arbitrariedade
dos significantes) monossilábica

e em português

vantajosamente digráfica

“a língua é poesia fóssil”

disse emerson

é precisamente quando os poetas
descobrem ou redescobrem

as palavras

fazendo interagir os significantes

e confrontando-os

(“em busca de identificação”)

com os significados

que se dá o salto do arbitrário

ao motivado

e que os signos não apenas significam

mas se tornam

significativos

FROM THE RUBÁ'YÁT OF OMAR KHAYYÁM

IX

*Whether at Naishapur or Babylon,
Whether the Cup with sweet or bitter run,
The Wine of Life keeps oozing drop by drop,
The Leaves of Life keep falling one by one.*

XXV

*Ah, make the most of what we yet may spend,
Before we too into the Dust descend;
Dust into Dust, and under Dust to lie,
Sans Wine, sans Song, sans Singer, and — sans End!*

LXV

*Of threats of Hell and Hopes of Paradise!
One thing at least is certain — This Life flies;
One thing is certain and the rest is Lies;
The Flower that once has blown forever dies.*

DO RUBAIYAT DE OMAR KHAYYAM

IX

Em Naishapur ou Babilônia, alguma
Taça, ou amarga ou doce, sempre espuma,
Verte o Vinho da Vida, gota a gota,
Vão-se as Folhas da Vida, uma, a uma.

XXV

Ah, vem, vivamos mais que a Vida, vem,
Antes que em Pó nos deponham também;
Pó sobre Pó, e sob o Pó, pousados,
Sem Cor, sem Sol, sem Som, sem Sonho — sem.

LXV

Inferno ou Céu, do beco sem saída
Uma só coisa é certa: voa a Vida,
E, sem a Vida, tudo o mais é Nada.
A Flor que for logo se vai, flor ida.